

Web Revista Linguagem,  
Educação e Memória

ISSN 2237-8332

## O processo de “monstrificação” em Minha Coisa Favorita É Monstro, de Emil Ferris

Fernanda Surubi Fernandes<sup>1</sup>

Loyanny Alves Ramos<sup>2</sup>

RESENHA de FERRIS, Emil. **Minha coisa favorita é monstro**. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2019.

“... Ia ser um saco se... a mamãe me visse fazendo isso...É que eu comecei a gemer bem alto, tipo o Dezê quando tinha ‘sonhos de menino’”. É assim que inicia a *Graphic Novel* *Minha coisa favorita é monstro* (2019), apresentando o processo de transformação em monstro da personagem Karen Reys, e é nesse processo de mudança que observamos como Emil Ferris faz, em sua obra quadrinística, um imbricamento de elementos pessoais, recheado de referências a filmes B, de terror, história da arte e questões sociais relacionadas ao racismo, à homossexualidade, xenofobia e a outros grupos frequentemente categorizados como “minorias”.

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Brasil. Professora da Universidade Estadual de Goiás – Brasil. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-5537-999X>. E-mail: [fernandasurubi@gmail.com](mailto:fernandasurubi@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestranda em Estudos Da Língua E Interculturalidade na Universidade Estadual de Goiás – Brasil ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6597-1778>. E-mail: [loyannyramos@gmail.com](mailto:loyannyramos@gmail.com).

<sup>3</sup> No Brasil, Gráfico Novel é também conhecida como Novela Gráfica, Romance Gráfico, Narrativa Gráfica ou simplesmente como Quadrinho.

Emil Ferris, premiada quadrinista norte-americana, natural de Chicago e com formação em artes plásticas pela *School of the Art Institute of Chicago*, é atualmente uma das quadrinistas mais reconhecidas no mundo todo. Com a obra *Minha coisa favorita é monstro*, em 2018, recebeu em três categorias (escritora/artista; história em quadrinhos e colorista) o prêmio *Eisner Award*; em 2019, a premiação de Angoulême no Festival Internacional de Quadrinhos.

Traduzida para várias línguas (alemão, italiano, espanhol etc.), *Minha coisa favorita é monstro*, em 2019, ganha sua tradução em língua portuguesa por Érico Assis e publicação pela Quadrinhos na Cia e Companhia das Letras. Suas várias traduções refletem a relevância e diferencial na produção quadrinística de Emil Ferris.

A referida *Graphic Novel* levou uma média de seis anos para ficar pronta e foi ilustrada especialmente com canetas esferográficas e caneta marcadora, que, segundo Ferris, em entrevista à Tpm: “Era tudo que eu tinha na minha infância, meus pais não tinham dinheiro. Eu só queria ser autêntica da mesma forma que era quando criança e que o livro se aparecesse com os meus cadernos” (ITO, 2019), por isso, com quatrocentas e dezesseis páginas, sem paginação, a obra apresenta o diário com escritas e imagens da vida da personagem. Sua extensão só agrega à narrativa as peculiaridades do dia de Karen, pois conforme compreende Eisner (1990), a *graphic novel*, por ser um quadrinho mais extenso e completo, recebe em alguns casos essa nomeação, colocando em foco as estruturas narrativas.

Em *Minha coisa favorita é monstro*, acompanhamos a personagem Karen Reyes, que ama histórias de monstros e ainda adquiriu o gosto pela arte e o hábito de desenhar, influenciada pelo irmão Dezê. Assim, a partir da escritura do seu diário no formato de histórias em quadrinhos, tomamos conhecimento de sua vida na Uptown de Chicago. Como primeiro elemento da sua intimidade vemos, logo nas primeiras páginas, o processo de “monstrificação” de Karen: “Meus ossos se espicharam, estalaram, até mudarem de forma, que nem o Larry Talbot em ‘O lobisomem’. Minha pele e meus tendões esticaram e engrossaram, meus dentes ficaram pontiagudos e do tamanho de um dedo.” (FERRIS, 2019), apesar de se constituir como um sonho, mesmo após acordar, Karen ainda apresenta traços monstruosos, como dentes pontiagudos e pelos pelo corpo, segundo Cohen (2000, p. 26): “O monstro nasce nessas encruzilhadas metafóricas, como a corporificação de um certo momento cultural – de uma época, de um sentimento e de um lugar.”, compreendemos esse efeito na personagem, que, por ser percebida como uma pessoa desajustada, enxerga-se como um monstro, em meio uma sociedade que não acredita em monstros.

A narrativa, um tanto subjetiva, como o formato em diário pode sugerir, gira em torno de como Karen percebe a realidade sobre a morte da vizinha, a sra. Anka Silverberg, e como o acontecimento afeta os membros de sua família, fazendo suscitar discussões sobre pedofilia, estupro, preconceitos raciais, xenofobia, nazismo, prostituição, dilemas da adolescência, bullying, homossexualidade, abandono parental, morte, visualizados a partir das vivências da protagonista e do relato de Anka gravado em fitas cassete. Dessa forma, logo no início da narrativa de Anka, somos apresentados aos dilemas da prostituição e ao ciclo quase inescapável de estupro e violência psicológica sofridos primeiramente pela mãe de Anka e, posteriormente, por ela própria. Depois desse momento, a narrativa volta a acompanhar a vida de Karen, e nos mostra o momento em que ela é atacada e quase estuprada pelos colegas da escola, sendo salva por Frank, outro personagem “monstrificado” na trama.

Sendo assim, é pelo olhar do monstro/Karen que se compreende aquele universo, em que os humanos realizam ações desumanas, monstruosas, enquanto os personagens representados como monstros são mais “humanos”: desde o irmão representado como um vampiro sedutor; o colega da escola Frank, a imagem de Frankenstein; a amiga Missy, noiva da filha do Drácula, à própria narradora, que se coloca como uma “lobismoça”, também se apresenta como uma detetive, que procura desvendar como a sra. Silverberg morreu. Nessa perspectiva, além de se colocar como uma narrativa de horror e sobrenatural, ainda é um romance de suspense policial, pois são vários mistérios que, inclusive, não são solucionados, deixando ao leitor a possibilidade de várias interpretações.

Outro aspecto que confere à obra grande destaque é a maneira como é montada e produzida. Foram seis anos para produzir e finalizar a *graphic novel* na qual cada página representa uma folha de caderno, desenhado por canetas esferográficas, cheio de detalhes, como formulações em diferentes lugares na página, nem sempre seguindo uma ordem convencional. Temos, portanto, a constante impressão de que as ações querem transpassar os limites do quadro, da lauda em si. O que proporciona diferentes leituras e perspectivas, como também, a forma como cada página é estruturada, pode produzir como efeito uma confusão no leitor. Essa confusão pode significar a própria consciência da personagem Karen, que passa por várias mudanças e problemas em sua vida. Tudo isso é apresentado a partir dos desenhos, planos, ângulos, traços, gráficos produzidos pela narradora, compondo assim, a narrativa.

## O processo de “monstrificação” em *Minha Coisa Favorita É Monstro*, de Emil Ferris

*Minha coisa favorita é monstro*, embora não seja recomendada para todas as idades, é uma obra digna da atenção de todos aqueles que se interessam pela experimentação estética das narrativas quadrinísticas - o que de fato ocorre tanto no campo do texto, quanto no campo da ilustração da obra; e também para quem se interessa por debates de temas sociais contemporâneos de uma forma leve, sublime, artística, sendo constituída pelo olhar da “monstra” Karen, um olhar ainda infantil, imaginativo, que corrobora para elevar a crítica social que a autora, Emil Ferris apresenta.

### Referências

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: COHEN, Jeffrey Jerome. *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-59.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. Trad. Elvis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ITO, Carol. *Uma monstra dos quadrinhos*. 22/03/2019. Revista Trip: TPM. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/emil-ferris-autora-da-hq-minha-coisa-favorita-e-monstro-vencedora-do-eisner-fala-sobre-o-livro>. Acesso em 15 jun. 2021.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: BARBOSA, Alexandre, RAMOS, Paulo, VILELA Túlio; RAMA, Angela, VERGUEIRO, Waldomiro. (orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2018. cap. 2, p. 31-64.

Recebido em 15/12/2020.

Aceito em 22/06/2021.